



**QUARTA-FEIRA**  
Lisboa--8 de Abril de 1931

**500 TÓES**

**5.º ANO**

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

**255**

sempre  
**fixe** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. 20271, 20272, 20273  
RUA DA ROSA, 57



--Então tu julgas que eras capaz de dirigir um jornal? O que fazias, se te aparecesse um artigo muito grande?  
--Era muito simples: aumentava a tiragem até caber...



## Os ditos da semana



**Primavera** Parece que chegou efectivamente a primavera.

Ja se pode, pelo dia sair a rua sem sobretudo. A noite porém, não é prudente faz-lo porque esta deliciosa estação parece-se muito com a do Rocio: é cheia de correntes de ar e tem avença com os medicos.

Na forma do costume, logo que a primavera começa a vestir as arvores, as mulheres começam a despir-se. Já se veem braços nus pelas janelas, como prenuncio daquilo que daqui a dois dias se ha-de ver nas praias. Quer dizer: as mulheres ja estão começando a deitar os bracinhos de fora. E a primavera tam-bem.

**Os canarios** Braz de Oliveira, ratonceiro e agres-sor impenitente, de acordo com Antonio Silva, o «Canario» serrou as grades da cadeia de Guimarães e, para se vingar da amante que o substituiu por outro, foi procura-la a casa e esfaqueou-a. Executada a proeza, voltou para a prisão. O «Canario», porém, recordando-se de que os passaros que togem, raramente voltam á gaiola, nunca mais apareceu.

E assim continuou o Braz a ser um malandro e o Canario a ser um canario.

Mas os canarios nem sempre são assim.

O nosso barbeiro, aqui mesmo ao pé da porta, na T. dos Fieis de Deus, tambem tem um canario. Discipulo dileto do dono, enquanto ele escanhôa os queixos dos treguezes o canario escanhôa a alpista do comedouro. Este, porém, ao contrario do de Guimarães não se lembra de que é canario e, quando o barbeiro lhe abre a porta e lhe dá algumas horas de liberdade, acaba sempre por voltar a gaiola: mas ha dias talvez porque este delicioso sol de primavera lhe fizesse ferver o sangue, raspano se para a rua e andou veraneando pelos telhados visinhos, mostrando especial predilecção pelos algeoz, onde ainda restavam algumas gotas das ultimas chuvas.

Tinhase a impressão de que o canario resolvera ir para ali a banhos. Juntou-se gente, fuzilaram comentarios, cho-veram conselhos e o barbeiro sempre com um sorriso tão amarello como o canario fugitivo, mostrava-se apreen-sivo:

—O diabo é que o animal

não conhece a porta da loja pelo lado de fóra... Como ha-de ele saber onde ha-de entrar?...

Foi então que um ardina dos jornais um garotinho de sete ou oito anos, destes que tem lume no olho, resolveu o problema:

—Olhe lá, oh sr. barbeiro, voce-mecê diga-lhe que o numero da porta é 72 e daqui a bocado o bicho lá está.

O barbeiro diz que não accitou o conselho, mas o tacto é que o canario voltou para a gaiola. Mas nós temos duvidas. Se o barbeiro efectivamente lhe não disse nada, então é certo que o canario ouviu o conselho do garoto.

Não haverá garotos de jornais em Guimarães?

**Calendarios** O «Fixe» recebe todos os anos diversos calendarios-reclames. Agora mesmo acaba de chegar-nos um, brinde do sr. Manoel A. F. Calado e C.<sup>a</sup> Lda, com uma alegoria ao «Comercio do Oriente», no tempo das caravelas. Agradecemos a gentileza e aproveitamos a ocasião para fazer uma prevençao ao comercio. O «Fixe» agradece sempre estas gentilezas mas a insistencia manifesta em nos enviarem de preferencia calendarios pa-

rece piada. Nós sabemos muito bem ás quantas andamos. O sr. Calado tem, por exemplo, drogas, tintas, vernizes, productos quimicos e otimas pertumarias, alem de varias medalhas de diferentes exposições e só nos manda calendarios. Ora nós bem sabemos que hoje são 8 de abril, só não sabemos a que cheiram as suas perfumarias. Destape o frasquinho sr. Calado.

**Mais vale tarde** O sr. José Teixeira Roque, nosso assignante da Poca-riça escreveu-nos no dia 5 de Abril de 1929 —faz agora dois anos— a seguinte carta:

POCARIÇA, 5-4-929.

A Redacção do «Sempre Fixe» LISBOA

Como não recebi o vosso jornal de 28 de Março p. ou seja o n.º 149 pedia o favor de me enviarem e para isso junto 500 —visto fazer-me falta para a collecção.

Sei mas muito Obrigado

José Teixeira Roque (assinante)

Escrita ha dois anos, só hoje nos chegou ás mãos. É tão velha, tão antiga esta carta, que a nota de 50 centavos que trazia, já hoje não corre. E não admira que não corra, porque os velhos difficilmente

teem pernas para grandes corridas.

E uma coisa agora nos ocorre. Dar-se ha o caso que esta demora de dois anos, para vir da Pocarica a Lisboa, seja devida á pobre nota ter vindo a pé, tanto mais que ela, se não corre, é porque está com certeza cançada?

**Anuncios** Do nosso infalivel e habitual torcedor recortamos este anuncio:

### PAPAGAIO

Fugiu, verde, pede-se o favor de entregar na Rua Bernardim Ribeiro, 95, onde será gratificado.

Parece-nos inutil procura-lo. O papagaio fugiu porque quiz, porque resolveu fugir, porque não estava para aturar o dono, porque não gosta da R. Bernardim Ribeiro. Se se tratasse doutro bicho qual-quer podia admitir-se que se tivesse perdido, mas um papagaio nunca se perde, ou muito pouco sabe a Sabedoria das Nações que diz que quem tem boca, isto é, quem tem fala vai a Roma. E o papagaio, se se visse atrapalhado, ia perguntando o caminho aos policias, até chegar a casa.

Em todo o caso ha uma coisa a ponderar: o final do anuncio. Se o bicho lhe consta que, voltando ao lar, será gratificado, não só se apresenta imediatamente, como ha-de custar muito a conserva-lo em casa. Ha-de fugir todos os dias para fazer jus a novas gratificações, que os papagaios são muito interesseiros. Um conhecemos nos que, para comer banana todos os dias, até aprendeu gramatica.

sempre  
**fixe**

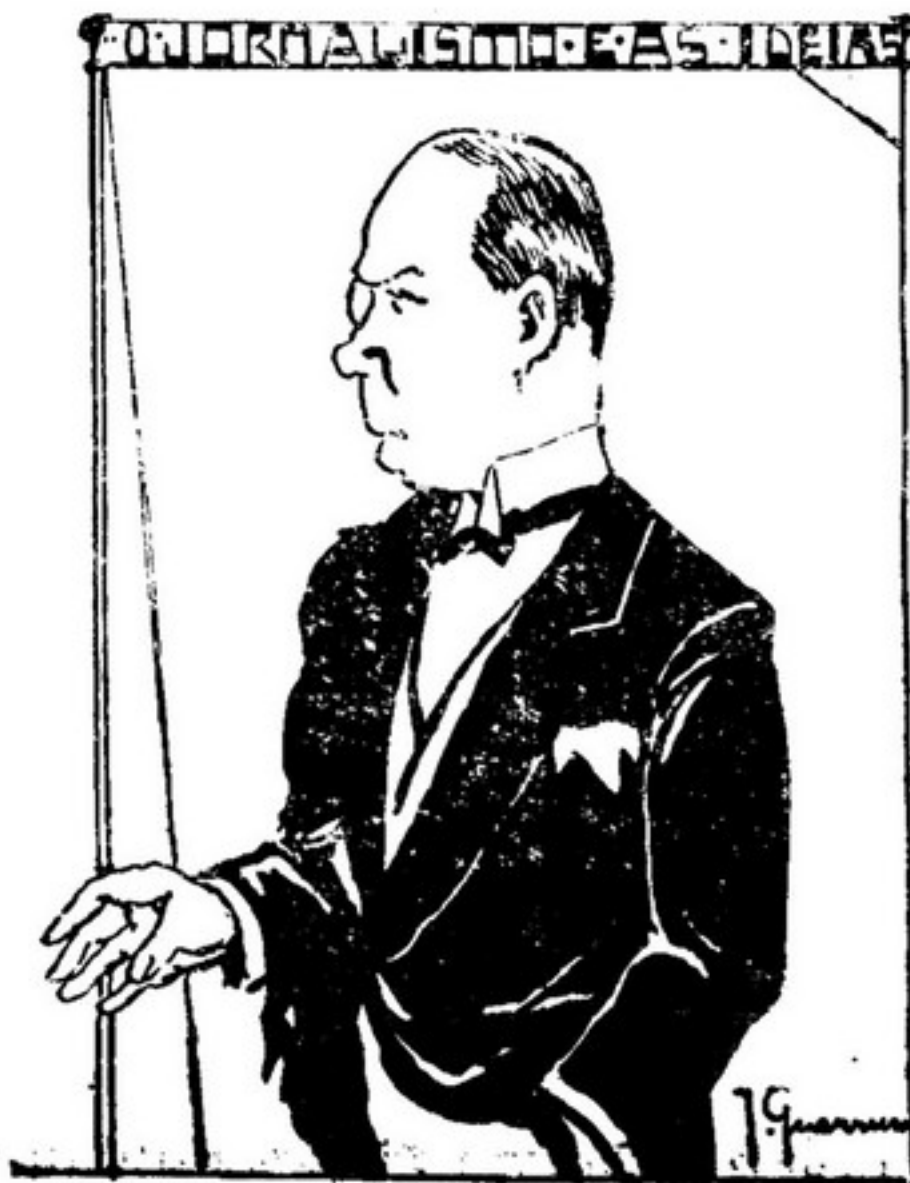
**Expediente** Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e Ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

**Anuncios** Isto, agora, é por tabela.

## DR. J. AQUIM MANSO



«Sempre Fixe», no momento em que o nosso «Diario de Lisboa» completa 40 anos de sua brilhante existencia, 4000º do seu illustre director sr. dr. Joaquim Manso, toma a republica da «tela» que é, como a do nosso semanario, «sempre fixe».

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

NUMA revista em scena ha uma copla com este bocadinho de oiro:

.....  
São fôbrez contorcidas...

Ora nós, com torcidas, só conhecemos os candieiros de pitrol...

■ ■ ■

ADELINA Abranches reapareceu ao publico lisboeta, interpretando o *Fiel Amigo*, onde ela dá algumas homericas cambalhotas.

Diz-se que a grande actriz, na noite da sua festa, ao vr o Avenida chelo, depois duma semana de «perdizes», teria exclamado:

— O publico, sim, é que é o meu fiel amigo!

*Si non és vero!...*

■ ■ ■

NO proximo sabado, o Nacional abre ao publico com o original português *O Milhafre*.

Como é um curioso abutre, é possível que o publico vá agora ao teatro, pelo menos, como se fôsse ao Jardim Zoologico... a vêr bichos!...

FOI remodelado o *Tareco*, razão porque o Variedades regista consecutivas enchentes.

Escusado será dizer que o *Emauz* continua a fazer de gato e a comer o seu carapausinho...

■ ■ ■

A actriz Lucilia Simões reaparece, brevemente, interpretando *A Carta*.

Vamos escrever-lhe para a posta restante: «Felicitações. Um abraço!»

■ ■ ■

AFINAL, o Erico Braga não abandona a arte dramatica, nem sequer o jornalismo, muito menos ainda a direcção do Gremio dos Artistas.

Tudo boatos! C Erico continua a ser Erico — mesmo quando faz fitas como o *Vêr e Amar*... mas não acreditar!...

■ ■ ■

QUANDO sobe a scena, no teatro da Trindade, a *Hora do Dinheiro*?

Estará a companhia rica para

deixad fugir um original português assinado por Vasco de Mendonça?

■ ■ ■

ANUNCIA-SE que vai para o Avenida uma organização de revista, tendo á frente uma vedeta ultimamente muito discutida.

Se não é a Luiza Satanela, é o diabo por ela. Dizem-nos que um dos papeis que vai interpretar é o de «Abandonada»...

■ ■ ■

CONSTA que o actor Estevão Amarante, no proximo inverno, entra na companhia Lucilla Simões.

Se assim fôr — ainda teremos muito que vêr. Volta-se sempre aos primeiros amôres!...

■ ■ ■

HA quem diga que veremos brevemente representar em Lisboa uma *divette* estrangeira.

Anda por ai tanto artista desempregado, que não é para admirar. Talvez assim se resolva a crise do desemprego e nós aprenda-

mos a falar português, talvez, em espanhol.

■ ■ ■

ANUNCIA-SE o *Verde Gaio*, num dos teatros do Parque Mayer.

Vamos lá vêr e ouvir como canta o passarinho. Cuidado com as figsadas da critica. Comnosco não se importem, que temos bem coraçã

■ ■ ■

DURANTE a Semana Santa, os teatros estiveram de jejum, apesar dos dramas biblicos.

Mais dolcrosos que o Calvario!

■ ■ ■

CASOU-SE o *Meu Menino*, que não é outro que o Vasco Sant'Ana. Parabens e juizinho!...

■ ■ ■

ESCULAPIO e Carlos Ferreira traduziram uma peça espanhola com o titulo *O Nosso Homem*.

Será mais um salvador da Patria?...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS.



A formidavel peça da guerra teve no Politeama um «fim» tão prematuro como *Impresada*. O publico desertou lamentavelmente do seu posto, tomando as filas de comodos «fauteuils» por perigosas linhas de fogo. Imaginaria que, dado o rigor da montagem, até os gazes asfixiantes eram autenticos?.



Historia muda, mas sonora

## Graça dos outros

Na rua:  
A bemfeitora, danão esmola: —  
Porque não procura uma colocação?  
O mendigo: — Impossível, minha senhora! Não vê que tenho sempre que fazer?...

★ ★ ★

A senhora: — Já me disseram que tens um novo irmãosinho. Como se chama?  
Joanito: — Não sei! Não entendo nada do que ele diz...

★ ★ ★

No consultorio medico:  
O surdo: — Quanto lhe devo?  
O medico: — Quarenta mil réis!  
O surdo: — Sessenta?  
O medico: — Não: setenta!...

★ ★ ★

— Mama, porque razão os percevejos são chatos?  
— Porque nos deitamos todas as noites sobre eles, filho!

★ ★ ★

No restaurant:  
O freguês: — Não te parece que a gorjeta é uma coisa humilhante?  
O creado: — Sim... quando ela é pequena...

★ ★ ★

Entre amigos:  
— Tenho muita pena do Antunes.  
— Porquê?  
— Porque passou metade da vida a aprender linguas e a mulher, agora, não lhe deixa pronunciar uma palavra...

★ ★ ★

O 1.º operario: — Porque não aderés á greve?  
O 2.º operario: — Por sete razões!  
O primeiro: — Quais são?  
O segundo: — Mulher e seis filhos...

★ ★ ★

Confissão entre amigos:  
— Quando a bejei cheirava a tabaco!  
— Mas tu importas-te que uma mulher fume?  
— Não; mas é que ela não fuma...



— Venha cá; aqui estará em socorro; não tenho mais hospedes...

## Compra difícil

— Meu amor, compra-me uns sapatos! Compras?

O Horacio, porque esta pergunta tão terna era dirigida ao Horacio, não estava muito disposto a comprar os sapatinhos á menina e retorquia-lhe muito mansamente:  
— Oh! minha filha, mas tu tens já tantos pares, para que queres mais?

— Mas eu quero mais um par! E a boa da menina acompanhava tudo isto com muitos gestos, muitos abraços e muitos beijos.

O Horacio, no entanto, como não descendia da raça dos facilmente comovíveis, não estava lá muito pelos ajustes.

A pequena insistia e o nosso bom amigo já muito vagamente resistia. Mais um assalto, mais umas festas, e o pobre do Horacio não teve outro remedio senão dizer que sim. E, como premio, o bom do Horacio levou muitos beijinhos na boca do estomago.

★ ★ ★

Estão ja na Baixa, a percorrer todas as sapatarias. A perola das meninas não havia sapatos que lhe servissem.

Foi a uma, foi a outra, a outra ainda e não houve sapatarias em que o Horacio e a Ernestina (ela chama-se Ernestina) não entrassem.

— Oh! filha! — clamava o Horacio, mas num oh filha! todo em voz de baixo, o mais cantante que se possa arranjar. — Tu nunca mais escolhes o calçado.

— O que é que tu queres? Não vêes que ainda não encontrei calçado que me satisfizesse?!

— Mas que calçado queres?  
— Quero Atlas! Para mim, o calçado Atlas é o melhor que ha.

— Oh! filha, também para mim! — explicava o Horacio, já com uma voz muito menos de baixo cantante. — Mas se não encontras esse, porque não escolhe outro?

— Não quero, já te disse que só quero uns sapatos da marca Atlas. E escusas de massar.

— Oh! filha! — voltou a murmurar o Horacio, com uma vozinha já mesmo nada de aixo cantante. — Mas se não encontrares, que remedio tens tu?

Nova volta pelas sapatarias, novas escolhas, e nada. Não havia calçado que servisse, sapatos que servissem á perola da Ernestina. Ela tinha um pé tão mimoso que na propria casa depositaria do calçado Atlas não havia sapatos que lhe servissem.

A espaços, o pobresinho dizia já com uma voz bastante de soprano:  
— Oh! filha! Compra de outra marca!

— Não quero. Só quero Atlas. E zaz! Novo passeio. Nova peregrinação ás sapatarias.

O desgraçado Horacio já não podia mais e desta vez, com voz de baritono, bradou:

— Oh! filha, tu também nem Atlas nem desatlas.

FERNANDO D'AVILA.

Sortes grandes?

só o PINA se vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

## UMA EMPREZA

Ha uns bons vinte anos, quando houve variadissimas scenas com as celebres chinezas que tiravam bichinhos do olho a toda a gente, claro á que deixava, mestre Chico, rapaz barrigudo que celebre se tornou pela sua demasiada elegancia e pelas suas gargalhadas de cristofle, parava no Rossio, esperando certa dama que ao dentista ia, dia sim, dia não, conforme o dr. Espevitador lhe indicava.

O bom do nosso Chico, a quem desde pequeno lá no bairro chamavam o «Verdadeiro Vulcão», arrastava a aza á tambem boa da D. Conceição, que andava apaixonada por um titular alcunhado de «Caça Minas», que procurava ha longo tempo um casamento rico.

D. Conceição, cheia de saliencias, ao chegar á porta do dentista, tinha ali o «Vulcão» que, ao vê-la, biologicamente lhe arriou uma daquelas chapeladas de aito lá com o charuto, ao mesmo tempo que uma rapariguita, que vendia alfinetes de dama e peças de nastro branco, chamava a D. Conceição e lhe dizia:

— Minha senhora, v. ex.ª tem cuspo no vestido!

— Eu? — exclamou a sedutora dama.

— Sim, senhora.

E, ao mesmo tempo, a rapariga rapava do seu, dela, lençinho e limpava a cuspidela ue a dama trazia no vestido de veludo e que dava um certo ar de graça, pois ao longe fazia o efeito de uma comenda.

Irritada, a pobre senhora, que tinha feito a estreia do rico vestido no dia do seu vigesimo quinto aniversario, assoprou três vezes e, abrindo a mala, gratificou a pequena com uma moeda de «lépes», que naquele tempo valia alguma coisa.

Numa sexta-feira de Paixão, o nosso «Verdadeiro Vulcão» (Cima e é verdade) vinha dos sitios da Rotunda e calhou passar-lhe perto a rechonchuda Conceição, que trazia dependurado no seu braço o «Caça Minas».

«Vulcão», escamado como um bezugo e cheio de ciume, deitou sobre o casal um olhar, como o de carneiro mal morto, salvo seja, e a Conceição logo ficou inquieta, recendo uma scena de ciumes.

Meteu-se num taxi o «Vulcão». — *Chauffeur!* Rua Ferregial, n.º 38, 5.º

— Ao quinto não posso subir! Arrependeu-se e mandou seguir para o Rossio, porta do dentista. Esperou, a vér se vinha a D. Conceição e, enquanto esperava, notou que na pequena se aborçara de uma dama que passava de momento e percebeu que lhe comunicava que levava alguma coisa de extraordinario no vestido.

Viu a rapariga a fazer nova limpeza, houve nova gorjeta, e o «Vulcão» reconheceu que era a mesma que vendia nastro branco e alfinetes.

Avistou ao longe D. Conceição, que já vinha só, e preparou-se para uma chapelada de metro e terça, fóra o pescoço, e qual na. é o seu espanto quando vê que a celebre rapariga, depois de collocar na boca quasi um decilitro de cuspo, o depositou no magestoso vestido de D. Conceição.

«Vulcão», irritado, deu dois pulos ao alto e disse:

— Senhora! Já vi tudo...

Chamou um policia e lá foi tudo de escantilhão para um posto policial, onde desatou o «Verdadeiro Vulcão» a fazer um arraijal como aquele que os «Pelles Vermelhas» fizeram no posto policial de Badajoz.

Interrogada a rapariga, em breve tudo se descobriu.

Havia uma empresa que, no desejo de fomentar o turismo nas nações civilizadas, contratara uma serie de empregadas que sustentavam a empresa com as gorjetas que recebiam das pessoas em quem depositavam o incomodo liquido. A empresa não se governava doutra coisa e o seu maior rendimento eram os resultados dos escarrinhos na rua do Ouro, Rossio, Chiado e calçada do Combro.

O «chefe», que tudo reduziu a auto, averiguou que o director da empresa era um celebre titular «Caça Minas» que, com o «Buda» e o «Esqueleto Vaidoso», operava em Madrid, Paris e Lisboa.

A policia mandou em paz a rapariga, que viera da Argentina, e o seu gracioso nome de Suzana despertou o sabor do titular, que por ela se apaixonou, resolvendo os dois juntar os trapinhos, ao mesmo tempo que o «Verdadeiro Vulcão» se juntava com a D. Conceição, passando ambos a pessoas de cotação na sociedade moderna.

NICKLES.



— Não pode ser. É quando ele lhe é mais preciso.

# TAC-TAC-TAC

Conheci-o numa pequena povoação dos arrabaldes de Lisboa, onde assisti algum tempo.

Era gordo e sorridente, todo cumprimentos para o forasteiro, farejando presa certa para o seu negocio de merceiro, em que, furtando em tudo e por todas as formas, grangeava fundos para, no fim de cada estação de veraneio, construir uma casa.

Espertalhão, disfarçando, sorna, em attitudes servis, a sua voracidade de raposa, a que só a covardia inata impedia de assaltar, á mé-cara, o transeunte, era o prototipo do malandrim saledo.

Desfazia-se em mrsuras, recatando no seu intimo a maltaez dos seus instintos de javardo. Nos conluos nocturnos da taberna, achando côro na genoaica soez do poveado, desabaçava o seu despeito accosco, despejando o veneno da sua alma em laldes de injurias sobre aquelles, ante os quaes, logo na manhã seguinte, iria rastejar como cão rafeiro, na ancia de es lograr nos preços das mercadorias que lhes impingia, falsificando pesos e medida.

Mas afivelara na cara aivar um ar sorridente de bom-homem, de pobre-diabo, com que intrujava facilmente os que, por seu natural feitio, se deixavam embar pelas suas historias.

Foi assim que, numa tarde, me contou, em confidencia e com melancolia, a historia da sua mocidade insatisfeita.

— Vossa excellencia sabe? O que eu queria ser era pintor... Tinha uma grande geiteira — e da gente dizia. Até os amigos de meu pai lhe aconselhavam sempre: — «Homem, manda o Valerio para a escola de pintor, que o rapaz tem habilidade».

«Mas o meu pai teimou em fazer de mim um...» — e eu estou nisto, com uma grande paixão por não ser pintor...»

— Gostava então mais — perguntei-lhe eu — de pintar portas e taboetas do que vender assucar aos quilos de 925 gramas?

Ele sorriu contrafeito e respondeu:

— Não era para pintar portas que eu queria estudar; era para fazer quadros.

— Isso, agora, é outra especie de bertoeja! Então o sr. Valerio desenha, não é verdade?

— Desenho, sim, senhor. E ainda

hoje, quando tenho vagar, pinto alguma coisa.

— Ha de mostrar-me, um dia, os seus desenhos — conclui. E, já tendendo á simpatia que me inspirava aquella vocação contrariada, que transformara talvez um novo Giôto em mercante de sêcos e molhados, levei-o a ver alguns quadros que ornamentavam as paredes da minha casa.

Valerio pasmoou maravilhado ante essas pinturas e desenhos e ingenuamente perguntou-me:

— Mas isto é tirado do natural ou é copiado d'outros quadros?

— Hon'essa! Então eu não lhe disse os nomes dos autores? Os artistas não copiam quadros; só pintam directamente da Natureza.

— Sim, já ouvi dizer; mas não sabia que estes eram verdadeiros...

Ele, sobre isto, fol-se, bambo-leando a cabeça em fôrma de gila madura; e eu fiquei já muito desconfiado daquela vocação contrariada.

No entretanto, pensava eu em Trujillo e no successo que o seu brusco aparecimento obteve em Paris.

Tudo pode ser neste mundo de Cristo...

E que grande acontecimento artistico não seria eu vir descobrir no fundo do balcão duma mercearia de aldeia um ignorado criador de beleza?!

Resolvi por isso conhecer alguns desenhos do esperançoso Valerio. Ele negou-se com persistencia a mostrar-me os seus estudos e habilidades.

Um dia, porém, entrando na locanda e tendo perguntado por ele, respondeu-me a mulher:

— Está lá dentro, entretido, parece que a pintar. E' a mania dele.

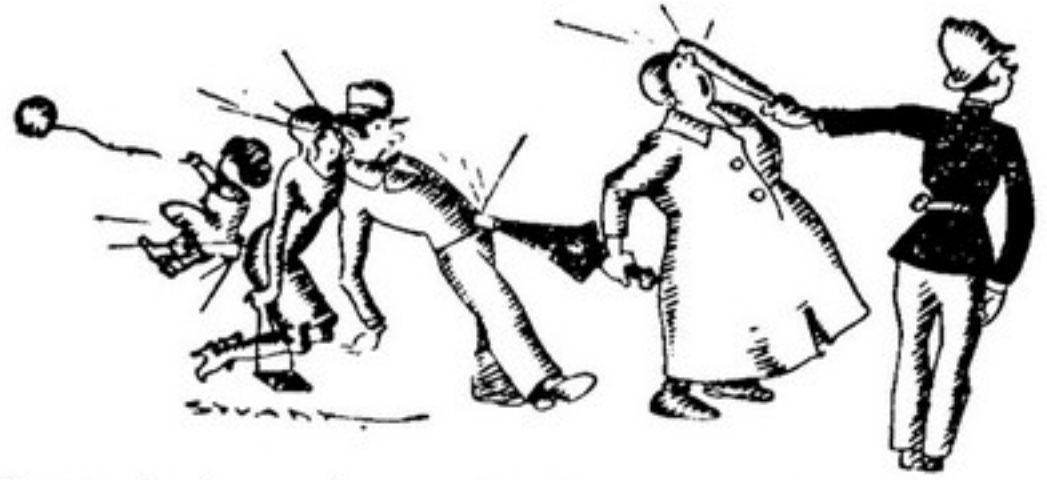
Não resisti á tentação. Despedi-me e, pressuroso, dei a volta pelas trazerras da casa, entrando no pequeno pateo que com ela comunicava.

Foi então que se me revelou o autentico Valerio-pintor. Pela porta entreaberta, vi-o, curvado, todo entregue á sua obra. Fazia escuro; para afirmar-me, penetrei e aproximei-me, devagarinho. Efectivamente pintava. O artista ignorado, empunhando um pequeno pincel, pintava com anilina uma longa fila de chouriços que destinava aos seus infelizes fregueses.

CIRANO DE VELHOFAC.



— E a minha é especialista em pintar a cara.



— Que seria dos peões se não fossem os sinaleiros.

## Como elas são... Elevador da Gloria

A D. Maria Luiza conseguiu, mercê dos negocios do marido, um senhor formado em loja de modas, arranjar um certo peculio. Não vá dizer-se que o diuheiro não foi arranjado honestamente, por isso que até se atribue ao sr. Anastacio aquella forma de vender fitas de seda a uma senhora conhecida:

— Quantos metros, então?

— Vinte...

E Anastacio começou a medir: — Um... dois... três... quatro... Quantos anos tem o seu filho mais novo?...

— Sete...

— Sete, anh! Oito... nove... dez... onze... doze... E o mais velho... Dezesete?!... Dezesete... Dezoito... dezenove... vinte...

Pois com estes e outros negocios, o Anastacio amealhou uma fortuna regular. A D. Maria Luiza sentiu a tentação de comprar um automovel e, assim que o teve, deu em convidar contantemente as suas amigas para dar um passeio-sinho no «carro».

Pois, num dos ultimos domingos, a convite da D. Maria Luiza, deram grande passeio no automovel a sr. D. Palmira e o respectivo marido. Mas o diabo tece-as e, quando menos se esperava, o carro foi de encontro a uma arvore, ficando num estado lastimoso. Os passageiros saíram ilesos, mas começaram a discutir as culpas do desastre...

— Se o senhor não viesse a conversar comigo, — dizia o Anastacio para o marido da Palmira — já nada disto succedia...

Palavra puxa palavra, e o certo é que se envolveram em desordem... Os homens davam-se tapona e as mulheres gritavam furiosamente, doidamente. Até que veio um policia para acalmar os animos. Mas, porque estava na disposição de levar presos os contendores, a certa altura apanhou uma formidável dentada. Da D. Maria Luiza? Da D. Palmira? Não se sabe...

\*\*\*

O caso foi para o Tribunal dos Pequenos Delitos.

Do exame directo, provava-se que a dentada fôra dada por aquela que tinha uma dentadura postica...

— Foi a senhora? — perguntou o juiz para uma.

— Não, sr. doutor.

— Então foi a senhora! — disse para a outra...

— Não, sr. doutor.

— Mas qual das duas tem a dentadura postica?...

— Eu não tenho...

— Nem eu...

— Bem! — tornou o juiz, dirigindo-se desta vez a um conhecido medico que assistia ao julgamento. — O sr. doutor faz favor de ver qual destas senhoras tem dentadura postica.

O medico avança. Manda abrir as bocas das acusadas e diz ao juiz, depois duma analise rapida e ante a hilaridade do tribunal:

— As duas, caro doutor... As duas...

No teatro:

O empregario: — Aqui tem um cigarro para fumar na scena do primeiro acto.

O artista: — Só um?

O empregario: — Caleulo que durará dez representações...

\*\*\*

Primeiro interrogatorio na policia:

— Acusado, conhece esta chave?

— Não, sr. juiz!

Segundo interrogatorio, tambem na policia:

— Acusado, conhece esta chave?

— Sim, senhor!

— Ah! então confessa?

— Claro que a conheço! Mostrou-m'a ontem o sr. juiz...

\*\*\*

Entre amigos:

— Ehtão o medico acertou com o que tu tinhas?

— Quasi! Eu tinha cento e vinte escudos e ele levou-me cem...

\*\*\*

O marido: — O teu vestido tão curto e tão decotado faz-me sorrir...

A mulher: — Talvez não te sorrias quando tiveres que o pagar...

\*\*\*

No tribunal:

O juiz: — E' verdade que foi encontrado a altas horas bastante embriagado?

O réu: — E' verdade, sr. juiz!

O juiz: — Está bem! Mas então porque se embriagou?

O réu: — Porque bebi demais, sr. juiz!

\*\*\*

A mãe: — Quando nasceu o teu irmãozinho só tinhas dois anos.

O peiz: — E quando nasceu o avô, quantos anos tinhas, mamã?

\*\*\*

O marido: — Antonia, porque é que serviste ao jantar só cascas de ostras?

A mulher: — Porque o livro de cosinha que me compraste recomenda que se esvasiem cuidadosamente todos os peixes antes de cosê-los!...



— Sabe que hora é, minha tia? — Ora pro nobis...

# Cacharolete O 1.º de Abril Versalhada

O sr. Briand falou no Senado  
francês sobre o acordo austro-ger-  
manico

(Das jornais)

Teimando em sua utopia,  
Briand, poeta fecundo,  
Continua co'a mania,  
Tão cheia de simpatia,  
De fazer a paz no mundo,

Ponderado como ele é,  
Teme qualquer artimanha,  
E apesar da boa fé,  
O homem não val até  
Onde quer ir a Alemanha.

Mas propõe em seu lirismo  
Que a paz se faça na Terra,  
E em seu humanitarismo  
Teme o novo cataclismo  
De qualquer futura guerra.

O pensamento teimoso  
Que lhe não sai da cabeça,  
E' que o canhão temeroso  
Se torne silencioso,  
P'ra todo o sempre emudeça.

Manda calar o canhão  
Em seu trovar de poeta,  
Mas também, por precaução,  
E, pelo sim pelo não,  
Manda calar a baioneta.

JOAO FERNANDES.

Muito bem, «seu» Patacão,  
fez bem em sair á lica,  
contra a grande exploração  
do leite e da hortaliça.

A erva é do hortelão  
e é comida pela vaca,  
que a vai transformar em leite,  
e após grande trabalho,  
o desgraçado não saca  
dinheiro que se aproveite.

Entre a vaca, o produtor  
e mais o consumidor,  
ha um bicho extraordinario:  
— Não tem hortas nem currais,  
mas é o que ganha mais:  
— o tal «intermediario».

Venham, pois, camionetas  
trazer o leite das telas  
das vacas para a cidade!  
Muito bem, «seu» Patacão,  
venha um aperto de mão,  
em nome da sociedade!

Os tomates e a nabieia,  
mais a restante hortaliça,  
e o leite que as vacas dão,  
graças a um homem de fibra,  
vão deixar de ser de libra:  
passarão a ser... patacão.

As pobres consumidoras  
pedem, com razão, «scaicadas»,  
que estas frases sedutoras  
não sejam... «patacoadas».

O HOMEM DOS TIMBALES

Para trincar uma bucha  
e saber preços, etc.,  
em bela pensão de estucha  
certo suicido penetra.

Afirma logo a patrão,  
que é rija e sã como um pêro:  
«— Aquil a comida é boa,  
é feita com bom tempero.

Ao almoço são três pratos,  
ao jantar, quatro e mais sopa;  
os preços, os mais caros,  
e também se lava a roupa.

Sem vinho, são só tresentos,  
mais baratinho não ha;  
com vinho são quatrocentos  
que o comensal pagar...

«— Diga-me o preço, afinal,  
(segundo o Regulo Francês)  
não quero ser comensal,  
eu quero ser... codlaro»...

ANTONIO AMARGO.

Um diario de Lisboa abriu, entre  
os seus redactores, concurso para  
a «galga» a publicar no 1.º de  
Abril.

A «galga» premiada já os leitores  
a conhecem, porque foi publica-  
da... As outras, damo-las hoje, inedi-  
tadas e para recreio dos leitores do  
Sempre Fixe:

## Charlot é português

Charles Chaplin — diz *Paris Soir*  
— confessou a um jornalista fran-  
cês a sua verdadeira nacionalidade,  
até hoje disputada pelos ingleses,  
que afirmam ter o celebre Charlot  
nascido nos bairros populares de  
Londres, e pelos espanhóis, que as-  
seguram ter sido nos bairros «ba-  
jos» de Madrid que o genio do ci-  
nema primeiro viu a luz.

Charles Chaplin — pasmem e  
alegrem-se os cinefilos patriotas —  
confessou ao feliz jornalista fran-  
cês seu confidente ter nascido na  
rua de Passos Manoel, em Lisboa,  
a 8 de Junho de 1890, data que se  
nos afigura extremamente vanta-  
josa para a idade que ele aparenta.

Conta Charles Chaplin que a sua  
infancia decorreu num jardim si-  
tuado proximo da sua casa (deve  
ser o Jardim Constantino) e que,  
aos doze anos, fugiu de casa para  
embarcar num veleiro que ia pes-  
car bacalhau para a Terra Nova.  
Foi na Terra Nova que, tendo  
saído para a pesca num pequeno  
barco, naufragou e foi recolhido  
por um vapor americano, que o  
desembarcou em Nova York.

Depois, seguiu-se um periodo de  
vagabundagem que termina com a  
aparição do cinema e a estreia e  
revelação do grande comico do si-  
lencio.

Mas — e esta revelação não tem  
menor interesse — em Portugal  
deixou Charles Chaplin — cujo  
verdadeiro nome é Carlos Chaves —  
o autor dos seus dias, viuvo porque  
a mãe de Carlitos morreu ao dá-lo  
á luz.

E é com alvoroçado carinho filial  
que o chamado Charles Chaplin  
agora vem a Portugal procurar o  
pai que abandonou ao embarcar  
para a Terra Nova.

Verá o nosso genial patricio rea-  
lizado o seu simpatico proposito, e  
viverá ainda o pai que procura?

Afigura-se-nos que não, pois se  
vivesse já teria descoberto aos as-  
feições do celebre Charlot traco,  
do filho desaparecido, ainda que  
caiba a natural suposição deste es-  
tar desfigurado pelos anos e pelo  
classico bigodinho, que não é dele,  
mas sim postico.

Mas, se ainda vive, quem é o pai  
de Charlot? Quem é o pai da  
creança desaparecida que, no mês  
de Junho do ano de 1890, nasceu  
na rua de Passos Manoel, á Estefa-  
nia?

## Ouro no Parque Eduardo VII

Ja de ha muito se estranhava a  
permanencia, no Parque Eduardo  
VII, de dois estrangeiros, que se  
entregavam a demoradas pesqui-  
zas.

Afinal, veio a averiguar-se, devi-  
do a um telegrama que um deles  
enviou a um conhecido banqueiro  
francês, que no referido Parque

existe um filão aurifero de grande  
valor.

Logo que tomou conhecimento  
do facto, a Camara Municipal  
mandou vigiar rigorosamente o lo-  
cal onde foram descobertas as  
areias auríferas.

## O caso de «El gordo»

Segundo informação absoluta-  
mente segura, acha-se completa-  
mente esclarecido o misterio dos  
20.000 contos da lotaria espanhola,  
resumindo-se o caso no seguinte:

O sr. Alberto Patricio tinha co-  
metido a imprudencia de trazer  
para Portugal o bilhete que foi  
premiado e, apenas a noticia veio  
a publico, a guarda fiscal pôs-se  
em campo para o apreender, visto  
ser considerada contrabando a in-  
trodução de loteria estrangeira no  
pais. E eis tudo. Desviadas as aten-  
ções, o sr. Alberto Patricio passou  
para Espanha com o bilhete, re-  
cebeu os 20.000 contos (aliás  
18.000) e deve chegar hoje a Lis-  
boa, no comboio da noite, com to-  
da a tranquillidade, porque a en-  
trada do dinheiro ainda não é con-  
siderada contrabando.

Sabemos tambem que o sr. Pa-  
tricio contemplou já dez dos seus  
amigos mais intimos com 200 con-  
tos cada um.

## Um cometa visível em Lisboa

Às 10 horas da noite, passará  
em Lisboa, no céu, o cometa de  
Harlem. Este cometa, que ha sete  
anos não se aproxima tanto da  
terra, é perigosissimo. Os sabios  
preveem que a sua cauda tocará  
na terra, desfazendo-a.

O cometa será visível em toda a  
cidade: uma mancha incendiada.  
Filiar-se-ha o fenomeno no terra-  
moto de Nicaragua?

## Fatos e calçado baratos

Atracou esta manhã no cais de  
Alcantara um paquete alemão com  
um carregamento de 20.000 pares  
de calçado e vinte mil fatos, para  
serem vendidos ao publico por pre-  
ços bastante reduzidos.

Esta noticia correu immediata-  
mente pela cidade, tendo varias  
pessoas aproveitado o ensejo que  
se lhes proporcionava para irem  
comprar calçado e fatos. Vende-  
ram-se botas para homem a 20\$00  
e bons fatos a 60\$00. O pessoal de  
bordo não teve mãos a medir, tal  
era a affluencia de clientes.

## Telegramas do estrangeiro

BERLIM, 1. — Está-se negocian-  
do a entrega a Portugal, por conta  
das reparações, do dirigivel  
«Conde Zeppelin». — (R.)

PARIS, 1. — Ramon Franco de-  
clarou que, em virtude da maneira  
como o tem tratado em França,  
resolveu voltar para Lisboa. — (C.)

BERLIM, 1. — Noticias recebidas  
de bordo do «Conde Zeppelin», a  
caminho de Sevilha, dizem que  
passará hoje, ás 21 horas, sobre  
Lisboa, fazendo demoradas evolu-  
ções sobre a capital portuguesa. A  
bordo segue o cineasta português  
Artur Duarte, que está realizando  
o filme «5 dias na balão». — (E.)



— João, João, o João engula 5 colheres!  
— Ainda bem; dinheiro pucha dinheiro. Ainda ontem enguliu  
de uma libra!

I

Anda tudo entusiasmado,  
Discutindo ai em côro,  
Onde é que o filme falado  
Difer' do mudo passado  
E do recente sonoro!...  
— Pois a ti, leitor amigo,  
Eu posso já declarar  
Que, em poucas linhas, consig:  
Que tu concordes comigo...  
Basta-me exemplificar:

II

Supõe que vais p'r'o Central  
E que a Sorte te destina  
um lugar, junto do qual  
Vem sentar-se, por seu mal,  
A mais galante menina;  
Supõe mesmo que, a tremor,  
O teu pé, a mão... e tudo  
Juntam-se aos dela sem qu'rer.  
— Se ela nada te disser,  
Já sabes — o filme é MUDO!

III

Mas se vais ao Tivoli  
E a teu lado vem sentar-se  
Uma Lulu ou Fifi,  
Co'a respectiva titi,  
Ou qualquer outro disfarce,  
Toma tento, põe-te alerta  
Porque a velha é muito esperta,  
E não seas apressado.  
E se vê, tens pela certa  
Um grande filme FALADO!

IV

Se a madureza te der  
Para no Condes entrares,  
Olha — com olhos de ver —  
O lugar que has de escolher,  
Para depois te sentares...  
Porque se acaso um marido  
Vê que te falta o decôro,  
Isso é caso já sabido.  
Ha sopapo e alarido...  
E então o filme é SONORO!

A. ESSE (filho).

Dona Teresa de Tal,  
Fidalga de Portugal,  
E' da mais fina nobresa;  
Tem sangue azul e do puro,  
De lança erguida eu vos juro:  
— Dona Teresa é marquesa!

Das suas mãos transcendentes,  
Finas, brancas, reverentes,  
Transparecem fiosinhos  
Muilo azuls da côr do céu;  
Nada de sangue plebeu...  
São veias com pergaminhos!

A marquesa é quarentona,  
mas cãe, nada matrona  
Tudo nela é de bom tom;  
Ouro de lei, do mais velho,  
Tem grande horror ao vermelho...  
Só tolera o do betou.

Sentiu-se um dia nervosa,  
E ao seu leito côr de rosa  
Mandou chamar o doutor,  
Aquela eterna enxaqueca  
Era levada da breca...  
Mas que será? Que pavôr!

Acudiu logo á chamada,  
Com a cabeça alarmada,  
O doutor, todo pronostico;  
Tomou-lhe de leve o pulso  
Fitou-lhe o peito convulso  
E fez-lhe o diagnostic

Depois, com certa impressão,  
Toma a seringa na mão  
E pica a veia á marquesa.  
Jorrou o sangue... Encarnado!  
Mas era azul? Ter mudado  
Não é descer, com certeza...

Não duvido, aqui vos juro  
Que o sangue não seja puro,  
Azul e branco ou purpuro.  
Quasi-ly, no seu lar,  
A marquesa anda a tomar  
Cianeto de mercúrio.

NET DO PARNASSO

Quer a Sorte grande?  
Habite-se na tabacaria MADRID  
Rua do Mundo, 115

## Chronica dos tribunales

No tribunal responde uma mulher aousada de se recusar a pagar uma conta a uma igana.

O juiz, dirigindo-se á queixosa: — Qual a proveniência da conta que a ré se recusou a pagar-lhe?

— Saiba o sr. juiz que a ré me prometeu 100\$00 se eu lhe lêsse a sina na palma da mão.

— E chegou a lér a sina?

— Sim, sr. juiz. Disse-lhe o passado, o presente e o futuro...

A ré levanta-se do banco e pede licença para falar.

O juiz: — Diga lá a ré o que tem a dizer.

— Essa mulher é uma refinada intruicna, sr. juiz... Então ela disse-me que adivinhava tudo e não adivinhou que eu não tinha nem meio tostão na algibeira?!...

\*\*\*

Nos Pequenos Delitos respondeu um homem com 18 prisões, todas elas por se intrometer com as senhoras que passam nas ruas. Agora foi mais uma vez acusado desse crime.

O juiz, dirigindo-se ao réu:

— Com que então, o senhor não ha maneira de ter emenda?

— E' que eu, sr. juiz, estive em França e, como apanhei os gazes, fiquei assim... da cabeça.

— Vai ser condenado mais uma vez para ver se consegue ter juizo...

— Mas, se v. ex.<sup>a</sup> me dá licença, devo comunicar-lhe que sou doido.

— Nesse caso, tenho que o sujeitar a um exame psiquiatrico no Manicomio Bombarda.

— E esse exame é muito demorado, sr. juiz...

— O tempo necessário para se averiguar se o senhor é um doente.

— Nesse caso, prefiro ser condenado e ir para a cadeia.



— Dez escudos por uma dúzia de bananas? Você está doido?

— E', que eu e minha mulher, resolvemos esta manhã ir passar o verão a Deauville.

### Touros em Badajoz

Está despertando o maior interesse entre os aficionados portugueses a corrida de touros que se realiza em Badajoz, no dia 19 deste mês (domingo), principalmente pela circunstancia extraordinaria de lidarem na mesma corrida os famosos «espadas» Marcial Lalanda e Vicente Barrera.

Como já noticiamos, a C. P. estabeleceu um serviço especial de bilhetes de ida e volta a preços muito reduzidos e pôs em circulação um comboio especial com carruagens das 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> classes, que parte do Rossio ás 7 e 30 do primeiro dia 19 e chega a Badajoz ás 14 e 30, regressando de Badajoz ás 24 e chegando a Lisboa ás 6 e 7 de segunda-feira, 20, o que permite assistir á corrida sem perda de dias de trabalho.

Os bilhetes de Lisboa custam ida e volta, 142\$05 em 1.<sup>a</sup> classe, 92\$77 em 2.<sup>a</sup> e 65\$46 em 3.<sup>a</sup>.

O proximo numero do

**KINO**  
 em 1931

## Macaquinhos no sótão...

O Lopes, como os leitores sabem, é o marçano duma mercearia que existe na rua da Rosa.

Entrou no mundo com o pé direito e, dias depois de ter nascido, ia engulindo um «biberon», o que foi evitado pela ama, sempre vigilante.

Após alguns semanas, o berço voltou-se, e nesse mesmo dia caiu da janela dum 2.<sup>o</sup> andar, não lhe succedendo dano algum porque enfiou por uma caixa de chapéus que um rapaz levava á caleça.

Aos 7 anos, teve a pneumonia e aos 8 a meningite, que o deixou aleijadinho dos miolos.

Assim passou a sua infancia, numa luta continua com a adversidade.

Actualmente, o Lopes vive com uma costureira e, se não fosse também o contratempo de morar em casa da sogra, uma vibora muito bem dissimulada, a sua felicidade seria completa.

O Eduardo, ex-barceiro ali da esquina, que os leitores também conhecem, é um dos irmãos do Lopes, que um belo dia cometeu um delicto que o obrigou a seguir para a Africa, com passagens pagas pelo Estado.

Andou por lá muitos anos sem ter escrito a familia, a ponto de já se supór que ele tinha sido domesticado pelos selvagens do Sahára.

Aqui para nos, muito em segredo, o que o rapaz não queria era que os patricios soubessem que andava por lá de tanga.

E a familia passava momentos de inquietação quando sabia que os paquetes com correspondencia de Africa atracavam ao cais.

Os cardeiros, como sabiam que a familia do Lopes escurria algumas «coróas» pelas festas, animavam-na sempre com palavras de esperanza.

— Não de nada! O sr. Eduardo voltará mais gordo e com muito dinheiro. Sim... porque lá são os brancos que mandam nos pretos... e quem sabe se o vosso parente não é gerente de alguma mina de bacalhau guizado com batatas, não

lhe sobrando o tempo para lhe escrever?!

E aquela santa familia vivia feliz na doce illusão de ver chegar o ente idolatrado numa tarde de canicula.

O Lopes continuava empregado na mesma loja e falava a todos os conhecidos no seu irmão Eduardo. A sua imaginação morbida fantasiava coisas estravagantes, mas, como era maluco, ninguem dava credito ás suas palavras.

Assim se passaram semanas, meses e anos, até que um dia ouviram-se quatro fortes pancadas na porta da casa onde morava o Lopes com a familia.

Era o carteiro, quasi apoplectico, que, suando por todos os poros visiveis e invisiveis, trazia uma carta na mão, portadora de boas novas.

A' noite, quando o marçano chegou a casa, a familia, reunida em sessão solene, sob a presidencia da avó, tomou conhecimento das palavras do ente longinquo.

Entre as diversas larachas que a carta dizia, o Eduardo informava que tinham no navio cinco macaquinhos para a familia.

Todos ficaram muito contrariados, censurando a lembrança do rapaz. O Lopes, como homem pratico que era, não só não criticou a ideia do irmão, como disse que indagaria de todos os fregueses da tenda se queriam ficar com os simios.

Como os doidos não se podem contrariar, a assembleia familiar aprovou a proposta do marçano e este, no dia seguinte, perguntou a todas as pessoas que entraram na mercearia se queriam comprar cinco macaquinhos.

Temas vezes o Lopes repetiu a frase que uma senhora, ao ir á loja pela quarta vez, aborrecida com o estribilho, indagou do rapaz:

— Ouve lá! E onde é que tens os macacos?

— Tenho-os lá em cima, no sótão!

— Ha! Bem me queria parecer que tu tens macaquinhos no sótão...



— Não em Colares. É muito melhor que em Uçama.

## Prosa de Cha-Velho

Começou a temporada tauromaquica! A tourada inaugural foi boa, muito obrigado, isto é, muito obrigados me devem estar todos pela critica que fiz no papá *Diario de Lisboa*. Que aquilo, com franqueza e aparte o Simãosinho, foi tudo muito mausinho e apenas o avião que voou sobre a praça distraiu o publico.

Por mim, preferi começar a epoca com generosidade, para não assustar logo de entrada; mas não se flem porque o que a vida nos sempre dura, e a paciência esgota-se...

\*\*\*

O meu querido *Rodrigo* é que não foi tão generoso e fez ele muito bem, ele e todos que não tiveram papas na lingua.

Só o que eu não entendo é este periodo da critica de *Rodrigo*:

«Registamos a comparência no sorteio do veterinario da praça».

Então, o veterinario foi sorteado? E a quem caiu o sr. veterinario?

Domingo, 12, feremos em Lisboa dois azes da corrida inaugural de Sevilha: João Nuncio e Fuentes Bejarano.

E domingo, 19, feremos em Badajoz a melhor combinação tauromaquica da temporada: Marcial e Barrera «mano a mano».

Valha-nos isto, e aguilho...

PEREZ LA CHAISE.

## Fenomenos intestinais

Entre vizinhas:

— Ah, ando tão mal de estomago; já nem sei o que hei de comer...

— O que deve é tomar coisas bem quentes para suar bastante. E' o melhor sistema para curar essas doencas. Já lá dizia o outro: «Boni suar qui mal em pança»...

— Ora, ora, isso são cançigas. Eu queria era ter o estomago daquele homem-fenomeno que esteve em Lisboa aqui ha tempos e que, segundo diziam os jornais, engulia bolas de bilhar inteiras, peixes vivos, relógios, correntes, ovos e lampadas, cuja luz se observava depois pelo exterior, a olho nu...

— Ah, que indecencia!

— Mas ainda tinha mais.

— O quê, mais olhos?!

— Não. Tinha mais esta habilidade: tornava a expelir todos esses objectos pela ordem por que lhe fossem pedidos.

— Deviam vir em bom estado!

— Não; parece que os fazia sair completamente limpos.

— Sim? Mas por onde?

— Isso é que as noticias não punham a nú.

— Pois olhe, vizinha, eu sou tão pouco habilidosa que nem mesmo essa noticia era capaz de engulir assim ao natural...

BARBEIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

Quereis dinheiro?

Jogal no

**Lama**

Rua do Amparo, 51 — LISBOA

Sempre sortes grandes

# ECOS DA SEMANA

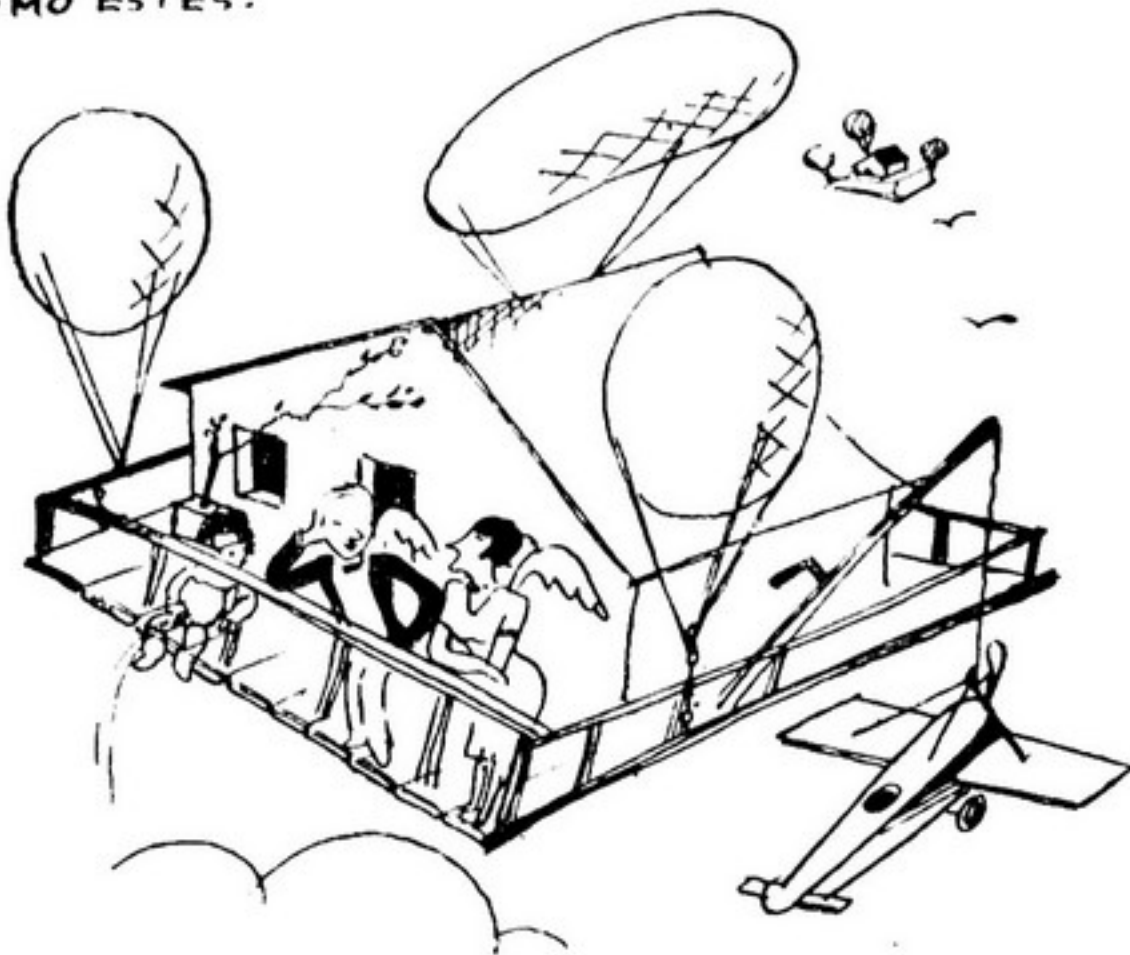
O DR. AGOSTINHO, AGOSTINHO DO PÚBLICO CONTINUA A PASSAR MULHERES FINAS E GROSSAS, A FIEIRA.



AGORA, ALEM DO PERIGO DO DESCARRILAMENTO, LAMENTO QUE A C.P. ARRANJASSE MAIS ESTE



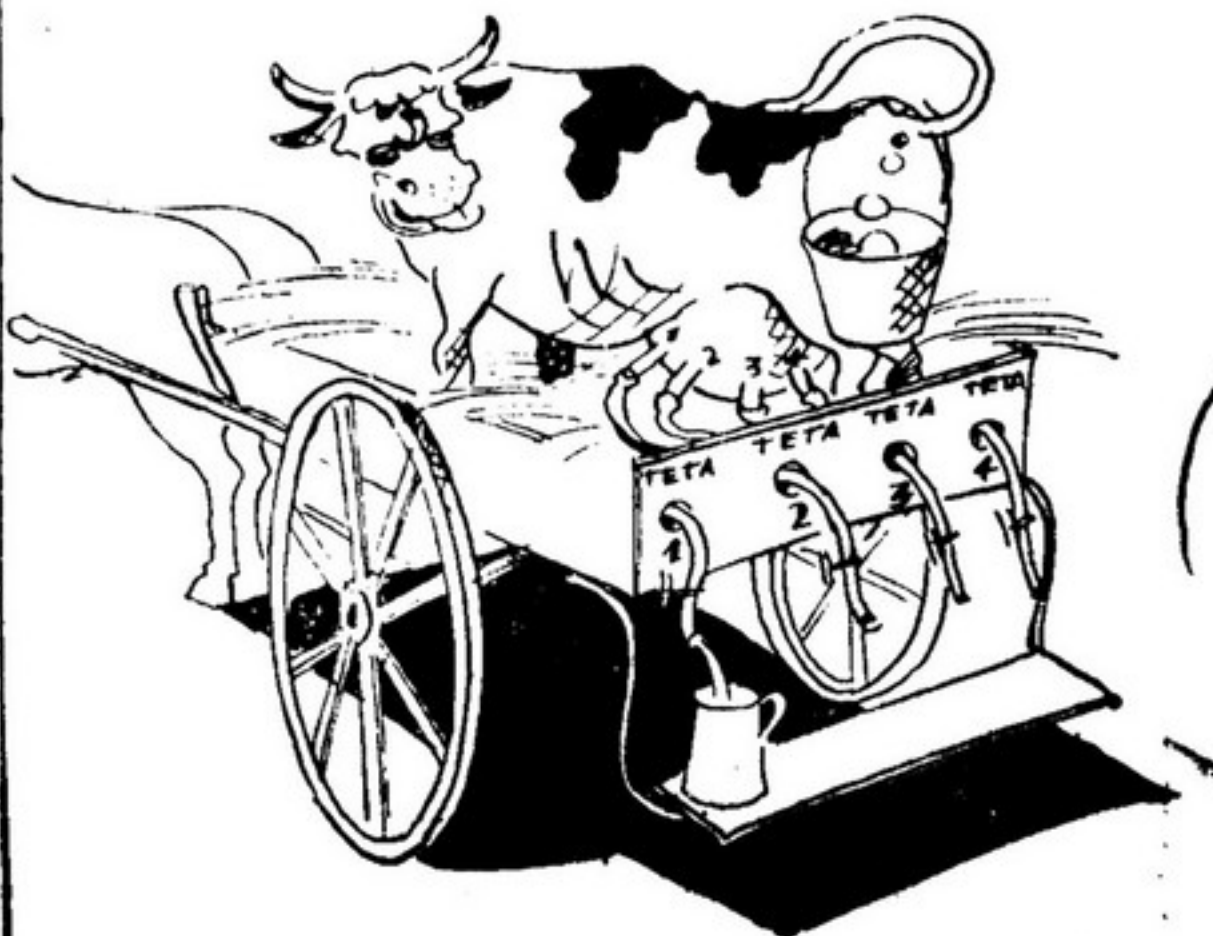
SE A TERRA CONTINUA ASSIM A TREMER O MELHOR É RASPAR-MOS NOS LA' PARA CIMA, COMO ÊSTES.



POR UM TUBO QUE VAI AO TELHADO, ON DE HA UM DEPOSITO DE TABACOS DE VARIAS QUALIDADES, OS CINEFILOS DE S. LUIZ PODERAO CONTINUAR AS FUMAÇAS



BREVEMENTE LEITE A PATACO O LITRO DO SENHOR PATACAO COM A ORIGEM A' PORTA.



AO QUE PARECE A "EQUIPE" PORTUGUESA LEVOU NO "HOCKEY" MAS COM HONRA. PARABENS AOS "OQUISTAS"

